

Vicissitudes e Atropelos

No caso a extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores

Urbano Tavares Rodrigues

VERÃO DE 1965. O GRANDE PRÉMIO DO CONTO DA Sociedade Portuguesa de Escritores, presidida pelo Prof. Jacinto do Prado Coelho, é atribuído, pelo seu livro *Luuanda*, a Luandino Vieira, que cumpria pena de 14 anos no Tarrafal, na Ilha do Sal, em Cabo Verde.

O estrondo que esta notícia causou foi ampliado por alguns pseudo-intelectuais de extrema-direita, muito activos, que se reuniam habitualmente num café dos Restauradores com legionários e inspectores da PIDE. Destacavam-se de entre eles um escritor e jornalista sem talento, mas ambicioso e truculento, Amândio César, especialista em afirmar a unidade de Portugal do Minho a Timor, e que arregimentava africanos decaídos e infelizes para a causa ultra nacionalista que defendia.

Não tardou a aparecer na Televisão, uma logo célebre (e repugnante) mesa-redonda, em que Amândio César denunciava os «traidores à Pátria», tendo a seu lado, muito comprometidos, dois angolanos de passado independentista, que haviam renegado as suas crenças, o poeta Geraldo Bessa Vítor e o ensaísta Mário António, outrora marxista.

Os que foram então apelidados de traidores eram, antes de mais, os membros do júri: João Gaspar Simões, patriarca da crítica em Portugal, Fernanda Botelho, Augusto Abelaira, Manuel da Fonseca e Alexandre Pinheiro Torres, todos eles escritores de reconhecido valor e o último, além de poeta, crítico muito sagaz e polémico, conotado com o neo-realismo. Fora precisamente Alexandre Pinheiro Torres que trouxera para a mesa do júri um pequeno livro de contos, de insólita escrita, cheio de pigmentos africanos e de expressões do calão de Luanda, um texto lírico, humorístico e simultaneamente épico. Uma obra-prima.

Dois nomes tinham estado em causa: o de Herberto Helder (com *Os Passos em Volta*), e o meu (com *Terra Ocupada*), no qual Gaspar

Simões se obstinou em votar. Os quatro restantes membros do prémio decidiram-se por Luandino. Todos eles foram detidos e interrogados, sendo Fernanda Botelho e Gaspar Simões libertados pouco depois, enquanto Manuel da Fonseca, Abelaira e Pinheiro Torres ficaram presos em Caxias.

Entretanto, a Direcção era demitida em bloco. Formavam-na Jacinto do Prado Coelho, Matilde Rosa Araújo, Maria Judite de Carvalho, Egídio Namorado, Joel Serrão, Natália Nunes, Joaquim Paço d'Arcos, Luís Forjaz Trigueiros e João Ribeiro dos Santos. Um ror de enxovalhos cobriu o nome de Jacinto do Prado Coelho e, é claro, dos membros do júri em alguns dos principais órgãos de informação, especialmente a Televisão e a Rádio, assim como os periódicos abertamente fascistas.

Um comando da PIDE e da Legião Portuguesa invadiu e destruiu parcialmente as instalações da histórica Sociedade Portuguesa de Escritores, que já tivera como presidente Aquilino Ribeiro e Jaime Cortesão e que foi, acto contínuo, extinta pelo Governo.

A maioria dos escritores portugueses mostraram-se solidários com a sua associação, remetendo-se ao silêncio os poucos que pelas suas convicções ou prebendas estavam ligados à ditadura. Foram muito raros os que condenaram abertamente a concessão do prémio, apenas de entre os membros da direcção da S.P.E., Paço d'Arcos e Forjaz Trigueiros que aliás hoje lamentam esse gesto. A frente cultural antifascista, que se formara praticamente no seio da S.P.E. durante a anterior presidência, não perdeu energia, antes pareceu sair reforçada daquela provação, a avaliar pelo sopro progressista que passou pelos suplementos literários de alguns jornais e pela força acusatória de obras, algumas delas apreendidas pela censura, que logo vieram a lume e continuaram a surgir na ficção e na poesia, como por exemplo, *Seara de*

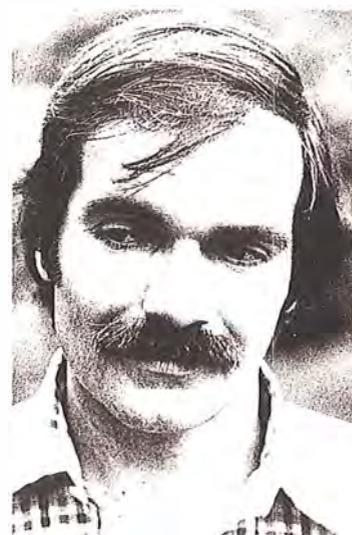
Vento, de Manuel da Fonseca, o meu livro *Imitação da Felicidade*, *O Delfim*, de Cardoso Pires, as peças do Sttau Monteiro, que o levaram à prisão, especialmente *A Guerra Santa*; *Quando os Lobos Uivam* de Aquilino Ribeiro; e, já um pouco mais tarde, *As Novas Cartas Portuguesas*, das Três Marias.

Voltando um pouco atrás, há um facto em que bem pouco se tem falado após o 25 de Abril: é que, antes de ser contemplado com o Prémio Camilo Castelo Branco, Luandino Vieira recebera já um pequeno prémio, quase simbólico, da Casa dos Estudantes do Império, pelo mesmo magnífico livro de contos *Luuanda*, onde figura a fabulosa história quase real «Vida e morte de Domingos Xavier» que, levemente transfigurada, relata a conspiração do M.P.L.A. que levou, no 4 de Fevereiro de 1961, ao assalto das esquadras da polícia, detonador da guerra colonial. Conheço particularmente bem esse episódio, porque fiz parte do júri que por unanimidade lhe conferiu esse galardão. Éramos três: o Carlos Ervedosa, angolano radicado em Portugal, a Glória Sant'Ana e eu.

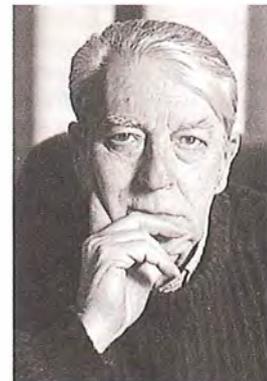
Houve até pequenas notícias, que passaram despercebidas da censura, nalguns órgãos de comunicação social.

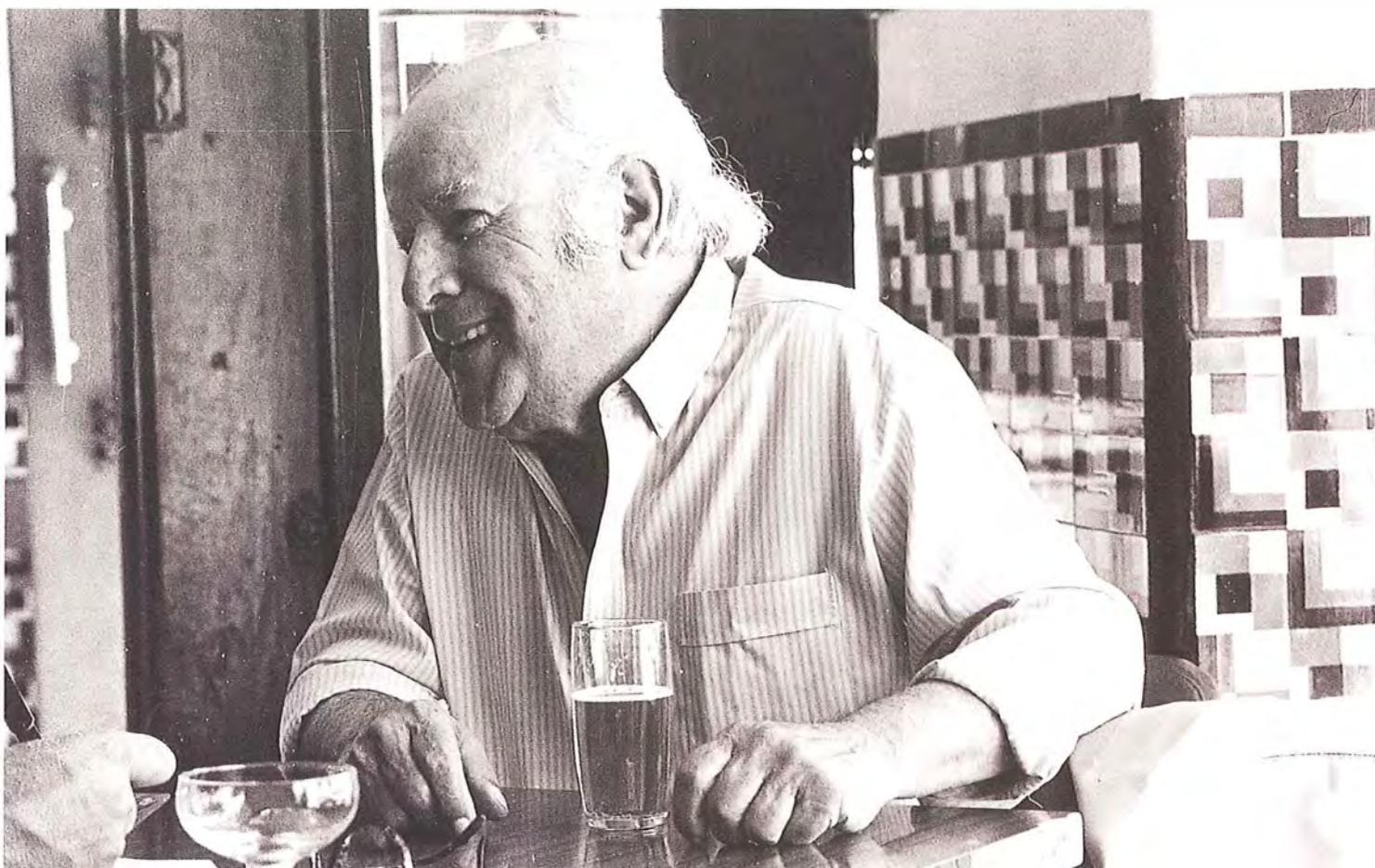
Poucos dias após o assalto à S.P.E. e os actos de vandalismo que ocorreram antes de ela ser selada, reunimo-nos em casa de Fernando Namora, o António Alves Redol, o José Cardoso Pires e eu, para estudarmos a situação de crise no meio literário e que medidas poderiam ser tomadas. Aí assentámos em que o Cardoso Pires iria a Londres levar toda a informação e agitar quanto possível a opinião pública, enquanto eu iria a Paris, onde tinha amigos e conhecimentos, devido a ter lá vivido largos anos. Falou-se em nos pagarem as viagens com um fundo que para esse efeito se iria constituir, mas tanto eu como o José Cardoso Pires resolvemos assumir nós próprios os gastos com os nossos magros direi-

Na origem da extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores, em 1965, está a atribuição do Grande Prémio do Conto da Sociedade Portuguesa de Escritores a Luandino Vieira pelo seu livro *Luuanda*.



Luis de Sttau-Monteiro foi um dos escritores com obras apreendidas pela censura. Algumas das suas peças levaram-no inclusivamente à prisão.





Manuel da Fonseca (na fotografia), João Gaspar Simões, Fernanda Botelho, Augusto Abelaira e Alexandre Pinheiro Torres, eram os membros do júri que atribuiu o prémio a Luandino Vieira e que de imediato foram denunciados como «traidores à Pátria».

tos de autor. Pôs-se também a hipótese de enviar o Abelaira a Itália, mas uma conversa que com ele tive anos depois leva-me a crer que essa sugestão caiu no esquecimento. Em Paris, onde permaneci quase uma semana, contactei o *Nouvel Observateur*, onde escrevi eu próprio um texto anónimo, que veio a ser publicado, mas muito reduzido. O *Humanité* publicou mais ampla informação, tal como o *Temoignage Chrétien* e o *La Croix*, onde cheguei através do grande poeta e antigo resistente Pierre Emmanuel, com quem já há vários anos me dava e que tinha também relações com a revista *Esprit*.

Desde 1963 conhecia pessoalmente Sartre e Simone de Beauvoir. Estivéramos juntos, nesse ano, em Florença, num congresso organizado pela C.O.M.E.S. («Comunitá Europea di Scrittori»), com sede em Roma), onde estava presente uma numerosa delegação portuguesa. Telefonei-lhes. Sartre estava ausente de Paris, mas Simone de Beauvoir recebeu-me no dia seguinte, de tarde, e ofereceu-me chá de jasmim com bolinhos secos (foi para mim uma tarde inolvidável, onde discutimos não só sobre o fascismo português, mas sobre os destinos do mundo, a condição da mulher e até os livros

dela, sobretudo *Les Bouches Inutiles*, uma peça de teatro que me apaixonava).

Enviou-me para o Bernard Pingaud, que estava a secretariar os *Temps Modernes* onde a notícia veio a sair, e que eu também conhecera em Florença, nessa altura ao lado de Marguerite Duras, com quem na altura vivia.

Ainda nesse mesmo ano de 1965, participei em Roma num segundo congresso da Comes, agora na companhia de Luiz Francisco Rebello, Sophia de Mello Breyner Andresen e Francisco de Sousa Tavares, Fausto Lopo de Carvalho e Jorge Reis, que veio expressamente de Paris, onde estava exilado. Durante esse congresso denunciámos colectivamente o comportamento do governo fascista que extinguiu a S.P.E e eu próprio apresentei uma comunicação sobre a obra literária de Luandino Vieira, que, no regresso a Portugal, escondi tão cuidadosamente, com receio de uma visita da PIDE, que nunca mais consegui encontrá-la (a minha casa era uma autêntica biblioteca desarrumada, cheia de estantes e gavetas com livros e papéis). Essa perda causou-me tanto maior desgosto quanto, juntamente com o meu texto, tinha guardado um desenho que o Luandino me mandara do Tarrafal, como oferta, através de Lina, então sua mulher. Essa minha preocupação resultava de já me haverem sido apreendidos, numa minuciosa busca da PIDE, além de muitos livros, uma cartas, para mim também preciosas, que do Brasil me havia escrito o general Humberto Delgado e que nunca consegui reaver.

Voltando à nossa viagem a Roma, toda a delegação portuguesa foi, durante o congresso, recebida, graças à mediação do então jovem padre e historiador de arte Manuel Mendes Atanásio, pelo bispo do Porto, D. Manuel Ferreira Gomes, que se mostrou totalmente solidário com a nossa posição.

Não tardou, uma vez todos nós já em Lisboa, que a repressão se fizesse sentir, de uma forma assaz original: os nossos nomes desapa-

receram por completo dos jornais, excepto o de Fausto Lopo de Carvalho, cujo onomástico e patronímicos continuaram a figurar no cabeçalho do *Jornal do Comércio*, de que era director, mas apenas aí. Quanto ao mais, uma espécie de morte civil e literária. Durante muitos meses, já não sei ao certo se um ano, não houve críticas, nem a mais ligeira menção dos livros de qualquer de nós, que tão-pouco podiam surgir nas montras das livrarias. Nenhum de nós podia do mesmo modo assinar qualquer artigo.

Como eu, afastado da Faculdade de Letras, estava proibido já há muito de ensinar, por ter, segundo documento apresentado pela PIDE ao Colégio Moderno, «*ideias subversivas com animus conspirandi*», e exercia a profissão de jornalista, socorri-me temporariamente de um semi-pseudónimo, Augusto Tavares, que o não é totalmente, por o meu nome completo ser Urbano Augusto Tavares Rodrigues.

Eram estas tristes cenas do país que Salazar pretendia que fosse o «jardim de moralidade da Europa». Livros apreendidos, editoras assaltadas e destruídas, tal o caso da «Minotauro», de que fui director literário, aquando da publicação da *Guerra Santa* de Luís de Sttau Monteiro, preso e encarcerado nessa altura; sub-reptícias medidas cautelares e hipócritas como a proibição de publicação de anúncios de livros e nomes dos autores, ou de críticas sobre eles, e interdição de colóquios, de representações, mesmo privadas, de peças «políticas» ou «desmobilizadoras»...

É outro ar que hoje se respira em Portugal, mas nem tudo isto, que parece um pesadelo, e de certo modo também parece anedota, desapareceu por completo da nossa vida cultural, jornalística, literária. São outros os métodos, mas há discriminações, manhas, obsessões, castigos que perduram.

Não se irradia, completamente, em 25 anos, uma mentalidade com séculos de tradição inquisitorial e repressiva.